



HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Disponível em:

<<http://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71361/40514>>. Acesso em: 20 set. 2018.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução por Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LIMA, Nei Clara de. **Narrativas orais**: uma poética da vida social. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

LOPES, José Ribamar (Org.). **Literatura de cordel**: antologia. 3. ed. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1994. (Coleção Monografia, 14).

LUYTEN, Joseph M. Desafio e repentismo do caipira de São Paulo. In: BOSI, Alfredo. (Org.). **Cultura brasileira**: temas e situações. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006. (Série Fundamentos, 18). p. 75-102.

LITERATURA POPULAR: TRADIÇÃO ORAL, MEMÓRIAS E SABERES DO SERTÃO NORDESTINO

Profa. Dra. Maria de Lourdes Dionizio Santos — UAL/CFP/UFCG

Maria.dionizio@professor.ufcg.edu.br

Analiane do Nascimento de Oliveira — UAL/CFP/UFCG

analianenascimento810@gmail.com

Mariana de Brito Lima — UAL/CFP/UFCG

marianadeebritelima@gmail.com

RESUMO: Trata-se de uma experiência realizada no decurso da execução do Projeto de Extensão/Fluex/UFCG/2023: “Literatura Popular: leituras e inferências sobre saberes, vivências e memória coletiva no sertão nordestino”, pautado numa perspectiva interdisciplinar entre Literatura e outros campos dos saberes, com o intuito de aprimorar as discussões acerca desta área de conhecimento. Partindo desse pressuposto, alvo (Docentes que atuam na Educação Básica e Discentes em formação inicial dos Cursos de Licenciatura em Letras do CFP/UFCG), buscamos promover um diálogo entre a Literatura Oral e áreas afins, e os saberes que fundam a memória e a cultura regional. Para tanto, este estudo tomou por base a leitura e discussão de diversas obras críticas e da Literatura Popular, focalizando como *corpus* *A Triste Partida*, de Patativa do Assaré.

Palavras-chave: Literatura Oral/Popular; Memória coletiva; Sertão nordestino.



1. INTRODUÇÃO

A Literatura Popular ocupa o *locus* de preservação de saberes, conhecimentos e memórias da coletividade da Região Nordeste. A produção desses bens imateriais transita pela cultura de seu povo, transcendendo o limite do tempo e modificando-se constantemente, agregando às suas expressões artísticas as contribuições de cada ouvinte, leitor ou prosador que, inconscientemente ou não, insere a sua própria leitura de mundo e repassa suas histórias a gerações sucessivas, levando adiante o legado histórico.

A poesia oral surgiu como manifestação e performance artística, de caráter cultural e literário, representada pela figura do contador de histórias. Essa prática, instituída socialmente, introduziu na raiz da humanidade o deleite pelas narrativas de cunho popular – do fantástico, do jocoso e de ensinamentos morais – que marcaram o campo da afetividade e da formação sócio-histórica de um povo.

Essa poética é fruto da disseminação das narrativas do cancionero popular, cultivadas na Península Ibérica que, quando inseridas no território brasileiro, passaram a ganhar identidade própria, tanto pelas suas temáticas, quanto pelas transformações ocorridas em cada região, advindas das próprias particularidades das crenças ali cultivadas, bem como pela capacidade criadora do povo brasileiro, em especial o nordestino, que recebeu em primeira mão esses bens simbólicos e os ressignificou. Assim, as memórias dos falantes/ouvintes mantêm a preservação dessas histórias, propiciando a gerações subsequentes transmissões, adaptações e novas criações, com base nos seus saberes, enriquecendo a herança cultural, discursiva-estética e simbólica na sociedade.

Nessa perspectiva, como forma de preservar a cultura de um povo e garantir a permanência das histórias populares, o do Projeto de Extensão/Fluex/UFCCG/2023, intitulado “Literatura Popular: Leituras e Inferências sobre Saberes, Vivências e Memória Coletiva no Sertão Nordestino” objetiva resguardar o conhecimento popular preservado nas narrativas de tradição oral, cultivadas no imaginário regional, dialogando com as diferentes áreas do conhecimento acadêmico e os saberes que fundam a memória e a cultura de nossa sociedade.

Partimos do pressuposto de que a arte, como expressão do pensamento, é instrumento potencialmente transformador da sociedade, o que nos permite afirmar que o estudo da arte literária é imprescindível para o desenvolvimento do indivíduo. Nessa perspectiva, tomamos a



Literatura Popular como objeto de ação deste Projeto, tendo em vista a necessidade de promover, aprofundar, disseminar e revigorar o conhecimento simbólico coletivo, a partir da leitura de textos dessa Literatura, no sentido de ampliar o conhecimento sobre bens imateriais, bem como instigar o gosto do público-alvo pelo estudo dessa estética, com foco na apreciação sobre os valores simbólicos que constituem esse conhecimento, para difundir os saberes, as vivências e a memória coletiva dessa região.

Em que pese o problema da seca no Nordeste brasileiro ser um drama enfrentado pelo seu povo, esse fenômeno tornou-se um tema crucial que instigou muitos artistas dessa região a manifestarem sua criatividade nas mais diversas formas de arte. Essa manifestação é impulsionada pelo desejo do ser humano de expressar sua indignação diante da falta de condições dignas de vida, bem como dos conflitos enfrentados pela população.

Desse modo, a obra de arte configura-se em instrumento de denúncia contra a opressão enfrentada por essa gente; além disso, a obra de arte, em seu poder de subversão e transformação social, registra o protesto do poeta contra toda sorte de adversidade consequente do descaso com que é tratado o povo nordestino. Dessa forma, a produção literária mostra-se extremamente fértil, em especial no que diz respeito à Literatura Popular.

Assim, visamos, primordialmente, estudar a Literatura Popular do Nordeste brasileiro, a partir da leitura de textos poéticos, no intuito de contribuir com o público-alvo, dirigindo-nos a professores que atuam em escolas da Educação Básica e a discentes do Curso de Letras e áreas afins, para que eles façam uso do potencial educativo dessa literatura, cujos conteúdos perpassam diferentes problemáticas que instigam o debate em sala de aula. Com efeito, a abordagem desse conhecimento dirigida ao público-alvo deste Projeto, propiciou-lhe experiência exitosa de leitura, reflexão e debate, numa perspectiva dialógico-interdisciplinar com a Literatura, tomando por base temáticas suscitadas nas obras da Literatura Popular.

Dessa forma, buscamos, por meio de discussões realizadas no referido Projeto de Extensão, dissertar acerca dos diálogos suscitados do compartilhamento de vivências dos participantes e as leituras das obras, relacionando-os com o suporte teórico adquirido através de textos de pesquisadores desta área, para compreender questões e temáticas pertinentes à realidade sertaneja, pela importância da Literatura Popular cultivada na tradição oral, como



forma de preservação das memórias e vivências da camada populacional localizada no sertão do Nordeste brasileiro.

Para realizar esse estudo, seguiremos à luz do pensamento de Fernandes (2006), Halbwachs (2003), Hall Stuart (2004), Magalhães (1973), Patativa do Assaré (2000), Ortiz (1994), Santos (2011), Silva-Semik e Nogueira (2016), Tavares (2005), entre outros, além das obras literárias discutidas ao longo deste trabalho.

Este artigo apresenta uma estrutura pré-definida, as quais obedecem à seguinte ordem: à princípio, discorreremos sobre os saberes orais e a sua influência na construção da Literatura Popular; em seguida, expomos a trajetória teórica da memória coletiva e como ela está intrinsecamente ligada às vivências individuais, compartilhadas pelos sujeitos de um determinado povoado. Logo após, apresentaremos o *corpus* de análise para discussão, a partir da obra *A triste partida*, de Patativa do Assaré. Para finalizar, apresentaremos algumas considerações acerca da análise realizada neste estudo e as referências utilizadas neste estudo.

2. OS SABERES ORAIS E A CONSTRUÇÃO DA LITERATURA POPULAR

A oralidade possui lugar definido no desenvolvimento da cultura e literatura. As produções orais na sociedade contribuíram para a circulação de histórias milenares, fábulas, provérbios, canções, entre outros. No contexto ágrafo, o discurso oral foi responsável por fixar na memória da sociedade textos canônicos, como a *Ilíada* e a *Odisseia*. Assim, as técnicas de memorização, recriação e performance das narrações foram o ponto central para a evolução do sistema literário mundial.

O conhecimento histórico acerca da oralidade é primordial. Conforme postula Tavares (2005) a cultura e a literatura podem ser encaradas como atividades restritas aos espaços formais de conhecimento, disponibilizadas em museus ou bibliotecas, mas florescem de forma indistinta nos ambientes, inclusive no interior dos grandes centros. Debater sobre essa temática quebra o padrão de cultura superior, abrangendo a ideia da existência de culturas no plural.

Em “Poesia Oral Tradicional e Funcionalidade”, Silva-Semik e Nogueira (2016) argumentam que a oralidade é um fenômeno social alicerçado nas práticas humanas. Desse modo, devemos analisar a sua funcionalidade na literatura e em contextos reais de uso, que servem como expressões do pensamento e sentimento de determinado grupo. Assim, “[...] A



oralidade é o que primeiro assegura a ação deste sistema comunicacional e literário oral sobre toda a comunidade” (SILVA-SEMIK; NOGUEIRA, 2016, p. 18).

Neste sentido, a oralidade constituiu uma seara de representações simbólicas, em que cada povo compartilhava as suas impressões sobre o mundo e a realidade. Um fato notável sobre essa questão foi o dinamismo entre as criações, visto que a memória dos conhecimentos adquiridos formava versões diferentes das histórias, de modo a se perder a autoria da a versão original.

Assim, a preservação de saberes orais no Nordeste favoreceu a fruição estética do literário, propiciando à Literatura Popular dispor de um amplo acervo cultural, consequente das experiências e da memória coletiva. Daí Tavares (2005, p. 107) afirmar que “O Cordel e o Romanceiro Ibérico sobreviveram no Nordeste graças a essa cultura subterrânea que nada anota e nada esquece. Pessoas que sabiam histórias passavam-nas adiante; pessoas que sabiam ler pegavam versões escritas dessas histórias orais e passavam-nas adiante”.

Remetendo ainda a Bráulio Tavares (2009, p. 101), citado por Santos *at al* (2023, p. 165), no “Relato de experiência sobre saberes, vivências e memória coletiva no Nordeste brasileiro”, capítulo inserto na obra: *Educação Sem Barreiras: Tecnologias e Inclusão*, “Os poemas do Romanceiro eram ouvidos, decorados e passados adiante. [...] Saber um romance de cor significava ouvi-lo muitas vezes na infância, cantado por criadas, por amas-secas, por tias e avós”. Isso nos faz compreender que a oralidade e a memória do Nordeste possuem um papel relevante no processo de estabilidade da sua literatura própria, que percorria o fundo dos acontecimentos sociais e se abastecia da riqueza desses fatos para representar as características do seu povo, em seu tempo.

3. A MEMÓRIA COMO CONSTRUÇÃO COLETIVA

O conceito de memória vem sendo trabalhado e analisado durante o percurso histórico, a partir de múltiplas perspectivas, sejam estas de cunho neurocientífico, psicanalítico ou como um fator social. Este último viés pode-se dividir em memória individual e memória coletiva. Ambos os conceitos se tornam complementares, segundo a concepção de Maurice Halbwachs (2003), o qual compreende a memória individual como partes que irão constituir a memória coletiva.



Nesse sentido, que o indivíduo toma como recordação de um momento ou de algo, e o tem como inerente a ele, tende a estar relacionado a momentos compartilhados com outros, ou seja, o que em uma concepção individualista é tomado como pertencente a um único sujeito, ao observar-se por um prisma amplo torna-se um olhar ímpar, diante de uma recordação compartilhada coletivamente.

Dessa forma, Halbwachs afirma que essa perspectiva é maleável, visto que no encadeamento de lembranças compartilhadas por um grupo, esses dois conceitos tornam-se complementares ao passo que não é possível prever a durabilidade de uma memória nesse espaço-tempo partilhado e nem a proporção que ela tomará no grupo. Assim, segundo Halbwachs (2003, p. 69), “[...] cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes”.

Nesta perspectiva, as interações sociais em que o indivíduo transita suscitam a construção de lembranças presentes em um grupo, que mesmo tendo por essência um pensamento pertencente a apenas um sujeito, converte-se para a coletividade, haja vista encontrar-se situada no mesmo ambiente que as lembranças cultivadas por outras pessoas.

A propósito disso, ainda de acordo com Halbwachs (2003, p. 30), nossas lembranças são coletivas, posto que “nunca estamos sós”, ou seja, “mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. [...]. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem”.

Nessa linha de pensamento, Miranda (2019, 01 out 2023) preconiza que “quando há uma lembrança que foi vivida por uma pessoa – ou repassada para ela – e que diz respeito a uma comunidade, ou grupo, essa lembrança vai se tornando um patrimônio daquela comunidade”. Dessa maneira, as memórias vão sendo repassadas e fincadas como histórias e vivências que caracterizam um determinado povo. A esse respeito, Santos *at al* (2023, p. 165) argumenta que

A difusão cultural realizada através da memória coletiva que se propagou pelo Brasil nos chama a atenção, pela intensidade com que essas narrativas contagiaram o espírito das pessoas e interferiram em sua formação, especialmente no Nordeste, onde percebemos a influência nelas exercida



através do discurso de caráter conservador e moralizante, numa manifestação de apego aos modelos tradicionais ortodoxos. Exemplo disso são as histórias de Trancoso, que, em sua diversidade, eram contadas em terreiros das casas, ao luar, geralmente por uma pessoa autorizada a narrar, quer por sua experiência de vida, quer por sua capacidade criadora, cujo poder inventivo impressionava e instigava a imaginação dos ouvintes, os quais transmitiam as narrativas ouvidas por gerações sucessivas.

Assim, a memória de uma comunidade constitui sua cultura, afirma a identidade, resguarda valores e preserva as vivências compartilhadas por aqueles que, em conjunto, comungam do mesmo espaço-tempo e do mesmo contexto sociocultural. Essas lembranças estão vinculadas a sons, crenças, mitos, cheiros, cores, arte, locais (reais ou irreais), que fazem parte do espaço compartilhado por sujeitos interagindo socialmente.

Quando cita-se o termo cultura e este é associado às tradições que figuram no cotidiano de povos de regiões diferentes, interagindo com o todo e construindo um conjunto de saberes intrínsecos a eles, dá-se o nome de cultura popular. Contudo, esse conceito é marcado pela multiplicidade, como afirma Ortiz (1994, p. 134) “A cultura popular é plural, e seria talvez mais adequado falarmos em culturas populares”.

Desse modo, os elementos que constituem esse fenômeno variam de acordo com o grupo que o repassa, respeitando a diversidade de óticas aplicadas na compreensão e entendimento de um fato ou uma recordação, que é adotado e passado adiante. A exemplo disso, pode-se citar as crenças, as lendas e o folclore pertencente a uma localidade específica. Conforme assinala Ortiz (1994, p. 134), “a memória de um fato folclórico existe enquanto tradição, e se encarna no grupo social que a suporta”.

Em vista disso, Ortiz (1994) atenta-se para o viés múltiplo, ressaltando que “A pluralidade da memória coletiva deriva justamente do fato de ela se encarnar no grupo que a representa. Sua fragmentação não decorre de uma pretensa debilidade imanente ao popular, mas sim da diversidade dos grupos sociais que são portadores de memórias diferenciadas” (Ortiz, 1994, p. 138).

Assim sendo, as ações que estabelecem a permanência de uma recordação como parte primordial na cultura de um povo, partem da repetição e transmissão destas para as gerações seguintes, o que a edifica no imaginário coletivo e a consolida como prática cotidiana. Nesse



sentido, Ortiz (1994, p. 135) considera que “a memória popular (seria mais correto colocar no plural) deve portanto se transformar em vivência.”

Por conseguinte, o processo que cada indivíduo deve percorrer para preservar e repassar os saberes adiante, inicia-se quando as memórias individuais são compartilhadas com o coletivo e passa a haver a fusão desta em um só fenômeno, o qual estabelece-se a partir dos olhares díspares sobre os mesmos eventos. Dessa forma, “tem-se assim que a memória coletiva se preserva inclusive no momento em que dinamicamente o sincretismo se estabelece” (ORTIZ, 1994, p. 133).

Posto isso, a memória coletiva faz parte de um emaranhado de lembranças individuais, as quais modificam-se de acordo com cada perspectiva e transformam-se numa cadeia de saberes compartilhados a partir da interação desses sujeitos em um determinado grupo, os quais assumem papéis singulares nessa rede, conscientemente ou não, a fim de resguardar as vivências presentes na coletividade e transmiti-las para as gerações futuras. Isto posto, Ortiz (1994, p. 135) declara que “em relação ao passado eles estabelecem a ‘memória’ que é partilhada pelos indivíduos que compõem a coletividade; em relação ao futuro eles definem uma rede de referências para projeção das ações individuais”.

3- ANÁLISE DO *CORPUS*

A obra *A triste partida* (2000), de Patativa do Assaré, configura uma representação simbólica da diáspora nordestina, pelo cruzamento forçado do povo rumo a terras novas — espaços idealizados, análogos à terra prometida. O relato dessa travessia apresenta um conjunto de conflitos e dramas humanos que singularmente a arte e a literatura operam para sensibilizar o olhar sobre a triste realidade, paulatinamente abordada nos versos. Assaré (2000) com a sua experiência substancial escreveu a respeito dessas vidas, esboçando o choro de uma multidão.

O conceito de diáspora desenvolvido para Hall Stuart (2004) está associado à fragmentação da identidade de um indivíduo na sociedade. Nesse sentido, a migração desequilibra os moldes do homem como possuidor de uma estabilidade social e cultural em um determinado lugar. Esse processo descentraliza o sujeito dos seus valores culturais e tradições, provocando uma crise de pertencimento. Na história narrada por Assaré (2000), o nordestino sofre na pele o efeito da desterritorialização e da desintegração do seu lar, como mostram os



seguintes versos do poema *A triste partida*: “[...] Só vê cara estranha, da mais feia gente, / Tudo é diferente / Do caro torrão (Assaré, 2000, p. 91).

Ao chegar ao Sul, o nordestino é recepcionado sem nenhuma cerimônia. Essa nova terra não tem semelhança com a sua terra natal. No sertão, por mais que a estrutura social fosse simples, havia um sentimento de partilha, vínculos afetivos entre os conhecidos, a vida era plena em comunidade. Nesse novo ambiente, a sociedade se organizava em blocos econômicos diferentes, que viviam em dualidade, os muros de concreto dividiam os espaços e as pessoas.

Há um abismo nas relações interpessoais nesse cenário, no qual a figura do patrão é autoritária, diferente do fazendeiro que, em alguns casos, nutria laços de apadrinhamento com a família do peão, ainda que para explorá-lo. Assim, o nordestino presencia essa mudança de tratamento social, o seu estado de vulnerabilidade e exclusão intensifica a carência de um ato humanitário que é, infelizmente, inexistente.

A vida do nordestino, em circunstâncias paupérrimas, em um contexto de capitalismo predatório torna-se degradante, à semelhança do que ocorre no enfrentamento da seca. Além disso, no seio social, surgem inúmeros desdobramentos contra os quais o sujeito irá se deparar, a exemplo do preconceito e da xenofobia. Esse modo opressivo pode ser observado na forma dos termos depreciativos, estereótipos e ofensas que configuram crimes praticados contra a gente que é forçada a deixar sua terra, e partir em busca de algum lugar que lhe propicie os bens imediatos para sua sobrevivência.

Nesse sentido, refletimos a respeito dos maus tratos sofridos por essa gente, somados à invisibilidade dos seus direitos civis, culminando na exclusão e no desprezo à sua existência. Diante desse cenário de desprezo, enfrentando a hostilidade da sociedade, surge no indivíduo o desejo de regressar ao seu torrão, no instante em que as vivências do nordestino reforçam o desamparo, o abandono, a solidão e o desengano que resultam na falta de saída.

Entendemos, desse modo, ser necessário tecer uma breve análise da obra de Patativa do Assaré (2000), a partir de um olhar sobre as degradantes secas e suas consequências, as quais impõem aos seres humanos condições degradantes, a exemplo do Nordeste. A inserção do autor nesse ambiente indica o seu conhecimento e competência para discernir sobre essas temáticas no âmbito da Literatura Popular. Neste sentido, de acordo com Véronique Le Dü da Silva-Semik e Carlos Nogueira (2016, p. 17), em seu texto “Poesia oral tradicional e funcionalidade”,



“A vivência pessoal de captação das letras (e das artes) corresponde a algo que antes de mais se sente; ora, sem essa fruição individual, sem a carga emocional que o constitui, o texto literário não atinge minimamente o seu objetivo”.

A triste partida (2000) nos apresenta o ciclo da seca no Nordeste. Os trechos retratam a fragmentação da vida humana nesse meio, que aos poucos se esmorece e perde o norte da sua jornada. Essa batalha é implacável contra o destino e o desejo do sertanejo, que apesar dos tormentos, luta até o fim pela permanência no seu espaço. A falta de alimentos e a água para preservar a vida é uma triste realidade que aproxima o véu da mortalidade sobre todos os seres vivos.

Nesse contexto, o nordestino tem ciência de sua própria tragédia e com isso o aflige. Esse desespero humano encontra eco no seguinte recorte do texto de Fernandes (2006, p. 5):

Porém, quem fala? Fala o pobre do seco Nordeste, ou seja, esta toada de lamentação advém de um despossuído, em um lugar por natureza seco. Daí porque o prolongamento da estiagem ou ausência de chuva no período chuvoso, tem a significação de uma peste, onde o bicho voraz tem o nome de fome, aquela que devora o sujeito por dentro corroendo-lhe, enfraquecendo-lhe, envelhecendo o seu corpo que ainda cedo abraça a morte.

Nesse sentido, o poema retrata as raízes religiosas que sustentam o imaginário e as crenças do povo nordestino, muitas vezes usadas como refúgio diante dos tormentos vividos e outras, como alento e esperança para seguir com a luta diária. Diante disso, Santos *et al* (2023, p.169-170) argumenta que “a voz protestante do autor não se restringe às condições físicas do povo, há um adendo à análise psicológica do homem em sua posição de miséria, o esvaziamento espiritual fadado ao sertanejo que precisava ser preenchido e redimensionado com a chegada do inverno”. Observa-se no poema, este recurso nos seguintes versos:

Apela pra Março, que é o mês preferido
Do Santo querido,
Senhô São José
Mas nada de chuva! tá tudo sem jeito,
Lhe foge do peito
O resto da fé.
(ASSARÉ, 2000, p. 90).



Com o avanço dos meses, o nortista desilude com as possibilidades de chuva, e sem alternativas, o que lhe resta é peregrinar com a sua família a um rumo incerto. Essa nova condição o dilacera, porque apesar das agruras vividas, amava o seu berço natal:

Em riba do carro se junta a fãmia;
Chegou o triste dia
Já vai viajar.
A seca terrive, que tudo devora,
Lhe bota pra fora
Da terra natá
(ASSARÉ, 2000, p. 90).

Ao se deslocar, vive uma espécie de luto prolongado, uma vez que a fuga forçada e o desajuste do seu cotidiano constituem a experiência como ainda mais devastadora. O movimento de êxodo envolve muitas questões, não se trata apenas de uma nova aventura, mas um processo complexo de reequilíbrio das dimensões psicológicas, afetivas e espaciais. A dinâmica do novo centro urbano, impossibilita a plenitude da organização interna do seu mundo. Desse modo, adaptá-lo ao perfil do sertão – ambiente humanizado, de identificação pessoal, repleto de sentido, histórias, qualidades próprias e valores – é uma utopia, o que intensifica o adoecimento anímico dos indivíduos e o desejo de retornar ao sertão. Patativa do Assaré (2000, p. 92) representa muito bem essa realidade, ao apresentar essa angústia nos seguintes versos:

Do mundo afastado, sofrendo desprezo,
Ali vive preso
Devendo ao patrão
Meu Deus, meu Deus
O tempo rolando, vai dia e vem dia,
E aquela fãmia
Não vorta mais não!

A penúltima estrofe reflete sobre o deplorável fardo do nortista, que mesmo longe da seca, não desfruta das condições de uma vida digna e confortável. Essa situação reforça o ciclo vicioso de desigualdade social e aprisionamento na camada pobre da sociedade, que regula a



exploração do nortista e o impede de se conectar com as suas raízes sociais. Desse modo, percebemos que o desenvolvimento da nostalgia e saudosismo do nordestino ao pensar no sertão, não surge da estampa do masoquismo, e sim das lembranças da sua vida, em princípio boa, repleta de planos e “[...] hipóteses de felicidade. Assim, podemos apontar que a terra sertaneja, ainda que fustigada, representava um espaço de afetividade, o que contribuía para alimentar a expectativa do florescimento de vida nova deixada para trás” (SANTOS *et al*, 2023, p. 170).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse artigo, foi abordado o percurso da oralidade na construção da Literatura Popular, essa fortemente marcada pela memória coletiva e individual, a qual encontra-se intrínseca aos povos que compartilham não só a mesma região geográfica do país, mas também as vivências semelhantes, fruto dos aspectos sócio-estruturais, demarcados no cenário histórico, cultural e social.

À luz do que foi apresentado ao longo do presente estudo, sob o embasamento teórico suscitado de diversas leituras de textos literários e das teorias utilizadas como suporte, cita-se também a inestimável contribuição das discussões realizadas no Projeto de Extensão/Fluex/UFCEG/2023, intitulado “Literatura Popular: Leituras e Inferências sobre Saberes, Vivências e Memória Coletiva no Sertão Nordestino”, as quais serviram como ponto de partida para fundamentar as questões aqui presentes.

Desse modo, compreende-se que este artigo buscou apoiar-se na Literatura Popular, principalmente no seu aspecto oral, o qual carrega marcas identitárias que representam um povo, e perpassa adiante as memórias e os saberes construídos e difundidos ao longo de gerações, como forma de resgate e autoafirmação de um bem tão rico e importante para o sertão nordestino.

Para tanto, a escolha de Patativa do Assaré, o poeta da roça, que fez poesia com o sofrimento humano relacionado com os efeitos da grave seca climática, deu-se justamente por, através de versos, compartilhar vivências de personagens, as quais se assemelham com a jornada de labuta vivida por tantos sertanejos, os quais compartilham e compartilhavam da mesma memória e do mesmo objetivo.



Conclui-se que, a sua arte expressa com sensibilidade a realidade do sertanejo, fato que se torna mais significativo ao notarmos que o próprio autor vivenciou as agruras desse ambiente. Assim, os seus versos desvendam a persistente saga do povo nordestino – as suas angústias e expectativas diante do avassalador cenário escatológico – para sobreviver.

4- REFERÊNCIAS

ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto cá**: filosofia de um trovador nordestino. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

ASSARÉ, Patativa do. **Triste partida**. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/patativa-do-assare/triste-partida.html>>. Acesso em: 10 jul. 2023.

FERNANDES, Manoel. O universo geográfico de A triste partida. In: PINHEIRO, Hélder.; NÓBREGA, Marta. (Orgs.). **Literatura**: da crítica à sala de aula. Campina Grande: Bagagem, 2006. p. 149-164.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução por Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

MIRANDA, Lucas Mascarenhas de. Memória individual e coletiva. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2019/05/27/memoria-individual-e-coletiva>>. Acesso em: 1 out. 2023.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SANTOS, Maria de Lourdes Dionizio. Literatura Popular: leituras e inferências sobre saberes, vivências e memória coletividade no sertão nordestino. In: Raimundo Dutra de Araújo e Francisco Antonio Machado. **Universidade e comunidade**: compartilhando experiências transformadoras com ações de extensão no ensino superior. Parnaíba, PI: Acadêmica Editorial, 2023. p. 239-249.

SANTOS, Maria de Lourdes Dionizio. *et al.* Relato de experiência sobre saberes, vivências e memória coletiva no Nordeste brasileiro. In: SILVEIRA, Jader. (Org.). **Educação sem fronteiras**: tecnologias e inclusão. Formiga (MG): Editora Uniesmero, 2023. Volume 1. Ebook. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/14VcOELmVIESd68A11NR7VdRE5VLIGA7o/view?pli=1>>. Acesso em: 29 out. 2023. p. 159-173.

SILVA-SEMIK, Véronique Le Dü da; NOGUEIRA, Carlos. Poesia oral tradicional e funcionalidade. **Trabalhos de Antropologia e Etnologia**, v. 56, p. 24-42, 2016.



TAVARES, Bráulio. **Contando histórias em versos: poesia e romanceiro popular no Brasil.** São Paulo: Ed. 34, 2005.

LITERATURA TRADICIONAL (POPULAR): EXPERIÊNCIA ESTÉTICA ENTRE SABERES, VIVÊNCIAS E MEMÓRIA COLETIVA NO SERTÃO NORDESTINO

Bruna Costa de Moura Gomes

Discente do curso de Licenciatura em Letras (CFP-UFCG)

bruna.costa@estudante.ufcg.edu.br

Maria Eduarda Pereira de Oliveira

Discente do curso de Licenciatura em Letras (CFP-UFCG)

maria.e.pereira@estudante.ufcg.edu.br

Orientador: Prof. Dr. Lucrécio Araújo de Sá Júnior

Professor da Universidade Federal de Campina Grande

lucrecio.araujo@professor.ufcg.edu.br

Resumo: Este trabalho visa apresentar uma experiência realizada no decurso da execução do Projeto de Extensão/Fluex/UFCG/2023: LITERATURA POPULAR: LEITURAS E INFERÊNCIAS SOBRE SABERES, VIVÊNCIAS E MEMÓRIA COLETIVA NO SERTÃO NORDESTINO. A partir de uma abordagem interdisciplinar, lançamos mão de leituras de obras da Literatura Tradicional Popular, no intuito de aprimorar o conhecimento do público-alvo participante, inscrito no Projeto. Essa ação está voltada para docentes que atuam na Educação Básica, bem como discentes do Curso de Letras e áreas afins, licenciandos do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, para que eles façam uso do potencial educativo dessa literatura, cujos conteúdos perpassam diferentes problemáticas que instigam o debate em sala de aula.

Palavras-chave: Literatura Tradicional Popular; memória coletiva; formação continuada.

1. INTRODUÇÃO

Pensar e estudar literatura nos conduz a explorar um universo completamente novo e nos envolve em uma imersão nas diversas culturas que constituem a nossa base formadora e enriquecem nossas experiências. Nesse sentido, a reflexão acerca da Literatura Popular nos conduz a uma profunda imersão na essência do povo do sertão nordestino e em seus saberes compartilhados, com destaque para a riqueza da tradição oral.